

Reflexão e autorrepresentação: breves considerações sobre dois tipos de consciência em Descartes

Leandro Vasconcelos Machado de Mello

Mestrando na UERJ

Bolsista da CAPES

<https://lattes.cnpq.br/3288622585187098>

leandro-vm@hotmai.com

123

Para Descartes, pensamentos nada mais são do que tudo aquilo que ocorre em nós de tal modo que somos imediatamente conscientes. Segundo essa concepção, o sujeito pensante não é apenas consciente de maneira integral, mas é também autoconsciente, na medida em que tem conhecimento imediato de seus próprios estados internos no exato momento em que ocorrem (Descartes, 1904, 160). Apesar da escassa ocorrência do termo “consciência” no texto cartesiano, algumas passagens indicam diferentes possibilidades de interpretação desse conceito. Na conversação com Burman, Descartes parece sugerir que somos conscientes dos nossos atos de pensamento quando refletimos sobre eles (Descartes, 1903, 149). Na correspondência com Bourdin, por outro lado, a consciência aparece como uma propriedade intrínseca e não reflexiva de cada ato de pensamento (Descartes, 1904, 559). Ambas as possibilidades repercutem em uma distinção contemporânea entre teorias reflexivas da consciência de ordem superior (Rosenthal, 1986, 338) e teorias autorrepresentacionais de mesma ordem (Kriegel, 2003, 108).

Nesta apresentação, proponho a aplicação de ferramentas conceituais contemporâneas para formular uma possível chave de leitura para a relação entre consciência, autoconsciência e reflexão na filosofia da mente cartesiana. Defendo que, se a concepção de consciência for interpretada exclusivamente de modo reflexivo, ela se torna vulnerável ao problema da regressão ao infinito e à possibilidade de pensamentos inconscientes, o que contradiz a própria teoria cartesiana. Sugiro, como alternativa, que se adote uma posição que compatibilize a consciência reflexiva com a consciência enquanto propriedade intrínseca e autorrepresentacional.

À luz dessas considerações, podemos lançar mão da hipótese de que um pensamento é consciente na medida em que representa a si mesmo, sendo esse um sentido

básico, passivo e não reflexivo de consciência. Ainda assim, quando há esforço cognitivo suficiente, também podemos nos voltar deliberadamente sobre os nossos próprios pensamentos de maneira reflexiva, desde que tal ato se configure como um tipo eventual de consciência dos próprios pensamentos. Essa hipótese é corroborada textualmente por passagens da correspondência com Arnauld na qual Descartes admite a existência de pensamentos que não são examinados por um ato reflexivo do intelecto, mas que apresentam uma estrutura interna que proporciona um certo tipo de vivência fenomenal. (Descartes, 1903, 220).

Assim, podemos atribuir a Descartes uma concepção mista, capaz de sugerir um modelo de consciência muito mais complexo e sofisticado do que a breve caracterização cartesiana parece indicar.

Palavras-chave: Autoconsciência. Consciência. Descartes. Reflexão.

Bibliografia

DESCARTES, R. *Œuvres de Descartes*: Publiées par Charles Adam et Paul Tannery. Paris: Léopold Cerf, 1897-1913.

KRIEGEL, U. *Consciousness as Intransitive Self-Consciousness*: Two Views and an argument. *Canadian Journal of Philosophy*. v. 33, n. 1, p.103-132, 2003.

ROSENTHAL, D. Two concepts of consciousness. *Philosophical Studies*, Dordrecht, v. 49, n. 3, p. 329-359, 1986.